



## Existe um imaginário social secularizado na América Latina?

Is there a secularized social imaginary in Latin America?

Elton Vitoriano Ribeiro\*

### Resumo

Neste artigo, pretende-se interpretar a posição de Taylor sobre a situação da sociedade contemporânea secular a partir do seguinte itinerário: (1) discutindo em grandes linhas sua concepção filosófica da multiculturalidade de nossas sociedades atuais, (2) propondo uma narrativa que aponte para uma interpretação do imaginário social multicultural e secularizado, e finalmente (3) apontando para o lugar da racionalidade filosófica neste percurso. A análise se faz tendo em mente que a coexistência cada vez maior de pessoas, grupos e comunidades, com tradições étnicas, culturais, linguísticas e religiosas das mais diversas, que partilham um mesmo espaço geográfico, é uma das principais características de nosso mundo globalizado. Por um lado, nessa configuração multicultural, é cada vez mais universal a consciência de que viver em comum no mundo é, também, partilhar um destino coletivo onde os efeitos sócio-culturais da globalização transformam nossos esquemas mentais e nossas formas de vida social. Por outro lado, a possibilidade de uma convivência harmônica em uma mesma sociedade de indivíduos, grupos e comunidades com cosmovisões diferentes coloca-se como desafio ainda não de todo equacionado.

**Palavras-chave:** Imaginário. Secularização. Taylor.

### Abstract

This article examines Taylor's viewpoint on the situation in contemporary secular society from the following itinerary: (1) discuss his philosophical conception of multiculturalism in our societies today, (2) propose a narrative that points to an interpretation of the social, multicultural and secular imaginary, and finally (3) points to the place of philosophical rationality in this route. This analysis assumes the coexistence of individuals, groups and communities, with their ethnic, cultural, linguistic and religious traditions that share the same geographic space and is a major feature of our globalized world. On the one hand, within this situation, the consciousness that live together in the world means sharing a collective destiny where socio-cultural effects of globalization transform our mental schemes and also change our forms of social life. Moreover, the possibility of a harmonious coexistence in a society of individuals, groups and communities with different worldviews is a challenge still not entirely solved.

**Key words:** Imaginary. Secularization. Taylor.

---

Artigo recebido em 23 de novembro de 2012 e aprovado em 03 março de 2013.

\* Doutor em Filosofia, Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 2010. Professor de filosofia na FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia). País de origem: Brasil. E-mail: eltonvitoriano@gmail.com.

## Introdução

Charles Taylor é conhecido no cenário filosófico atual como um atento intérprete da sociedade contemporânea. Para Taylor a sociedade contemporânea consiste, antes de tudo, num conjunto de novas práticas. Algumas historicamente inéditas que exigem de nós novos modos de pensar a nós mesmos, nossas relações com os outros e nossas instituições políticas e sociais. Outras que foram lentamente transformadas, a partir de práticas precedentes, mediante novas interpretações, ou mesmo mediante novas teorias que criaram as condições para modos comuns de agir até então inéditos. Isto muda nossos modos de compreendermo-nos e imaginarmo-nos, bem como de nos percebermos como sujeitos que agem e vivem juntos no tempo e no espaço do mundo histórico. Espaço histórico atual que é interpretado como sendo multicultural e cada vez mais secularizado.

Neste texto, pretende-se interpretar a posição de Taylor sobre a situação da sociedade contemporânea a partir do seguinte itinerário: (1) discutindo em grandes linhas sua concepção filosófica da multiculturalidade de nossas sociedades atuais, (2) propondo uma narrativa que aponte para uma interpretação do imaginário social multicultural e secularizado e, finalmente, (3) apontando para o lugar da racionalidade filosófica neste percurso.

### 1 Esclarecendo algumas opções hermenêuticas

A coexistência cada vez maior de pessoas, grupos e comunidades, com tradições étnicas, culturais, linguísticas e religiosas das mais diversas, que partilham um mesmo espaço geográfico, é uma das principais características de nosso mundo globalizado. Por um lado, nesta situação, é cada vez mais universal a consciência de que viver em comum no mundo é, também, partilhar um destino coletivo onde os efeitos sócio-culturais da globalização transformam nossos esquemas mentais e nossas formas de vida social. Por outro lado, a possibilidade de

uma convivência harmônica em uma mesma sociedade de indivíduos, grupos e comunidades com cosmovisões diferentes é um desafio ainda não de todo equacionado.

Na realidade globalizada, multicultural, as sociedades são constituídas por uma pluralidade de comunidades culturais singulares, com seus diferentes esquemas mentais, referentes simbólicos e formas de interpretação da realidade. O encontro intercultural e a busca de um modo de viver juntos e de juntos instituir um mundo de sentido e significados comuns, ainda que mínimo, sem sacrificar nenhuma cultura ou tradição, apontam para a necessidade de um novo modo de viver coletivo, próprio de sociedades multiculturais como, por exemplo, a vida nas grandes metrópoles.

Alguns autores como Taylor apontam para a necessidade de interação entre sujeitos e entre entidades culturalmente diferenciadas. Ele argumenta que, nessa interação, o debate em torno das convicções próprias pode levar a um enriquecimento mútuo, isso porque cada cultura ou tradição é como que uma grande reserva que pode gerar sabedoria de vida e valores, mas também pode enriquecer-se com os critérios de outras tradições e culturas. Na verdade, as culturas não são realidades imutáveis. Isso seria uma simplificação. As culturas são o resultado de um esforço humano coletivo e consensual, ainda que implícito, onde um universo de significados, valores e formas de vida humana são gerados. Para Taylor, cada cultura é outra articulação possível sobre os questionamentos e buscas comuns dos seres humanos.

A interação entre culturas, em uma sociedade multicultural, evidentemente, não é sem conflitos. As culturas não são estáticas. Como salienta Marta Nussbaum, as culturas mudam de acordo com as situações, se amalgamam, integram elementos de outras culturas, se ajustam a novas realidades geográficas, demográficas, tecnológicas. Em algumas ocasiões elas desaparecem. Por não serem totalmente fechadas sobre si mesmas, e por serem capazes de abrirem-se uma às

outras, as culturas não determinam completamente uma forma de vida que obriguem às pessoas. Elas são na verdade condição e liberdade. (NUSSBAUM, 1999, p.37).

Diante dessa elucidação anterior, o pensamento de Taylor levanta uma hipótese: a da existência de um imaginário social moderno que caracterize os modos como as pessoas imaginam sua existência social. (TAYLOR, 2004, p.23). Isto porque a modernidade, poderíamos dizer em nosso caso a secularização e a multiculturalidade, criam uma amálgama, para Taylor sem precedentes na história da humanidade, de (1) novas práticas e formas institucionais, como a ciência, a tecnologia, a produção industrial, a urbanização das grandes cidades; (2) novos modos e estilos de vida, como por exemplo, o individualismo, a secularização e a racionalidade instrumental; e (3) novas formas de alienação como a ausência de sentido contemporânea e uma certa sensação de dissolução do tecido social.

Antes de narrar uma possível história do imaginário das sociedades multiculturais, este artigo comenta acerca da plausibilidade daquela hipótese. Como argumentado anteriormente, para Taylor, o imaginário social é uma forma de compreensão comum que possibilita práticas comuns e, conseqüentemente, um sentido de legitimidade amplamente partilhado. O imaginário, evidentemente, não se encontra apenas nas mentes de alguns indivíduos. Ele é um *ethos*, um patrimônio comum de uma sociedade na medida mesma em que se encontra enraizado na vida coletiva da sociedade, nas práticas e nas instituições que são parte integrante e fundamental da sociedade. Nem sempre teórico, mas muitas vezes constituído de imagens, narrativas e lendas; o imaginário influencia enormemente a forma como as pessoas se relacionam entre si.

Para Taylor o imaginário social é, em qualquer época, muito complexo. Logo, o imaginário social das sociedades multiculturais não poderia ser diferente. No entanto, a interpretação desse imaginário nos possibilita interpretar a própria sociedade multicultural em que vivemos. A interpretação elucida nossa

compreensão comum das práticas coletivas que constituem nossa vida social. Por práticas, Taylor entende qualquer configuração estável de atividade compartilhada, definida por certos padrões de obrigações e proibições, como por exemplo, a forma de disciplinar as crianças no uso da internet, a maneira de nos cumprimentarmos na rua, a tomada de decisões grupais por meio de argumentações e eleições, a forma como construímos nossas casas e organizamos nossas despesas econômicas. (TAYLOR, 1997, p.266). Na verdade existem práticas em todos os níveis da vida social humana: família, grupos de interesses, cidades, política nacional, rituais de comunidades religiosas e assim por diante. Por detrás de cada prática existe uma compreensão de fundo vinculada a uma forma de imaginar nossa existência social. Essa compreensão de fundo implica, ainda que implicitamente, a capacidade de reconhecermos casos ideais. Mais ainda, implica a capacidade que temos de reconhecer como as coisas normalmente passam (dimensão fatural) e de formularmos uma ideia de como elas deveriam ser (dimensão normativa). Uma questão que não se pretende discutir aqui, mas que é importante, é a de saber se, para além do ideal, existe alguma noção de uma ordem, moral ou metafísica, na qual o contexto das normas e os ideais ganham pleno sentido. Portanto, para Taylor duas conclusões são possíveis: (1) as compreensões de fundo nunca são expressas adequadamente na forma de doutrinas explícitas, devido à sua natureza irrestrita e indefinida, e (2) os seres humanos atuam com base num imaginário social muito antes de alguma vez se darem ao trabalho de teorizar acerca de si mesmos.

Para finalizar esta primeira parte da argumentação, pretende-se associar a ideia de imaginário social à identidade humana, tema tão importante para Taylor. Com efeito, minha identidade é formada, em parte, no diálogo interno que tenho com o imaginário social de minha sociedade ou comunidade cultural. Nas palavras de Taylor:

quando pensamos num ser humano, não entendemos simplesmente um organismo vivo, mas um ser que pensa, tem sentimentos, decide, se comunica, responde, relaciona-se com outros; tudo isso implica uma linguagem, um relativo conjunto de modos de fazer experiências do mundo, de interpretar os próprios sentimentos, compreender a própria relação com os demais, com o passado, com o futuro, com o absoluto e assim por diante. É a maneira particular em que ele se situa neste universo cultural que nós definimos como sua identidade. [...] Mas a linguagem e o relativo conjunto de distinções que está na base de nossa experiência e interpretação é algo que só pode crescer no interior de uma comunidade e ser sustentado por ela. Neste sentido, o que somos enquanto seres humanos, nós o somos apenas numa comunidade cultural. (TAYLOR, 1975, p. 380-381).

Não se pretende desenvolver essa argumentação de Taylor, mas deixar claro que para ele as práticas e instituições construídas pelo ser humano, bem como a forma como o compreendemos, são intrinsecamente articuladas a partir de um determinado imaginário social. A pergunta agora é: existe, ou está sendo formado, um imaginário social multicultural secularizado? Para apresentar uma possível resposta à questão, o artigo passa agora a construir uma narrativa sobre os possíveis aspectos presentes num imaginário social multicultural e secular.

## 2 Narrando uma possível história do imaginário social

Poder-se-ia construir esta narrativa de muitas maneiras. Escolheu-se partir de algumas observações de Taylor presentes em *The Ethics of Authenticity* e *A Secular Age*. Se esta escolha estiver correta, poder-se-á elucidar alguns âmbitos de nossa realidade globalizada e multicultural. Este artigo propõe-se a seguir a proposta escolhida a partir das seguintes questões: o individualismo, a racionalidade instrumental, o despotismo suave e a secularização.

Para Taylor, a sociedade contemporânea sofre de certo *mal-estar* que pode ser experimentado como um declínio, mesmo em meio ao grandioso desenvolvimento da cultura e da sociedade. Esse mal-estar possui suas fontes no individualismo, no primado da razão instrumental e em certo despotismo suave no qual as instituições e as estruturas políticas restringem nossas escolhas. Como

conseqüência, tem-se uma perda de sentido que faz desaparecerem os horizontes morais (nível ético), eclipsa os fins (nível teleológico) e diminui a liberdade (nível político). A estratégia de Taylor para compreender esse mal-estar é a de tentar individualizar o núcleo da questão em uma área, para depois, poder fazer uma análise equivalente nas demais. Ele toma como ponto de partida a análise das fontes do individualismo contemporâneo. Faz isso, principalmente, porque a sociedade contemporânea possui um forte ideal de fidelidade do indivíduo a si mesmo, onde temas como autenticidade, interioridade, afirmação da vida cotidiana são fundamentais para compreendermos o indivíduo e os desafios éticos que ele enfrenta. (RIBEIRO, 2012, p.49-70).

No cenário da sociedade contemporânea, o individualismo apresenta-se de forma ambivalente. Hoje vivemos em um mundo onde a maioria das pessoas possui o direito de escolher a maneira que deseja viver: suas práticas cotidianas, suas preferências, sua religião, sua opção política. Existe uma constante busca de emancipação do indivíduo diante dos velhos horizontes morais da sociedade tradicional, onde “cada um tem o direito de desenvolver a sua própria forma de vida, fundada sobre a sua percepção daquilo que é realmente importante ou tem valor. As pessoas são chamadas a serem fiéis a si mesmas, a buscar a própria auto-realização”. (TAYLOR, 1992, p.14). Por um lado, cada indivíduo sente a necessidade de ser original e autêntico em sua expressão e a se autoconstituir como sujeito. Por outro lado, o perigo é que todas as demandas por independência, autonomia e autenticidade acabem, muitas vezes, criando uma cultura que esvazia a própria autonomia, transformando a busca de originalidade e de autenticidade em autocomplacência.

Neste contexto, a ideia de um modelo de ordenamento hierárquico do universo, que possuía seu reflexo no ordenamento hierárquico da sociedade humana, não possui mais sentido. Taylor chama a atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que estes ordenamentos limitavam, eles davam um sentido ao mundo e às atividades da vida social, política e religiosa. Davam um horizonte

maior, mais amplo, de sentido, onde existiam algumas coisas pelas quais valeria a pena até morrer. Assim, na sociedade contemporânea, ao nos concentrarmos sobre nossas vidas individuais, perdemos a percepção dessa visão mais ampla. Eis, para Taylor, o lado obscuro e miserável do individualismo: centrando-se sobre o próprio eu, o ser humano nivela e restringe sua vida, empobrecendo-a de significado, distanciando-a do interesse pelos outros e pela sociedade. Diz Taylor: “a cultura da autorrealização conduziu muitos a perder de vistas as questões que os transcendem enquanto indivíduos”. (TAYLOR, 1992, p.15). Contra uma reflexão como a de Taylor, que pode tender para o pessimismo, alguns pensadores como, por exemplo, Luc Ferry, argumentam que o individualismo está gerando uma nova era. Uma era onde o nascimento de uma nova face do humanismo, pós-colonial e pós-metafísico, gera uma revolução do amor e da transcendência do outro. Segundo Ferry, o que vivemos não é uma liquidação do sagrado, um eclipse dos valores, mas sua encarnação em uma nova face, a da humanidade. É o surgimento de uma espiritualidade sem Deus, de um novo humanismo onde a globalização tem um papel fundamental na construção de novos valores e a humanidade tem a tarefa de preparar o futuro para as novas gerações. (FERRY, 2012).

Na interpretação de Taylor, com um modelo de ser humano livre de todo vínculo e com o desencantamento do mundo, cresce a razão instrumental. Razão exemplificada pelo pensamento matemático e pelo cálculo formal. Aqui ele novamente observa a ambivalência do fenômeno. Por um lado, o fim do antigo ordenamento ampliou o âmbito da razão instrumental como um tipo de racionalidade extremamente útil para o cálculo da aplicação mais econômica dos meios para um determinado fim. Para a razão instrumental, a busca da melhor relação custo-produção e a da maior eficiência são a medida do sucesso. Por outro lado, Taylor fala de uma desagradável e desconcertante sensação de que a razão instrumental, cada vez mais, domina nossas vidas. Ele observa os parâmetros da eficiência e da melhor relação custo-produção mensurando todos os âmbitos da vida humana, mesmo aqueles que deveriam ser decididos por critérios diversos, como é o caso da ética para Taylor. Assim, “os fins independentes que deveriam



guiar nossas vidas encontram-se eclipsados pelas exigências de maximizar a produção”. (TAYLOR, 1992, p.5). Taylor fala de uma perda de ressonância, de profundidade, de riqueza do nosso mundo humano, que cada vez mais se circunda pelo imaginário e pelo prestígio da tecnologia. Muitas vezes somos levados a crer que o progresso está tão somente em buscar soluções tecnológicas para os mais diversos âmbitos da vida humana. A proposta de Taylor é a de que não é privado de sentido “deliberar quais devam ser os nossos fins, e se a razão instrumental deva ter na nossa vida um papel menor daquele que efetivamente tem”. (TAYLOR, 1992, p.8).

O individualismo e a razão instrumental acabam por influenciar a dimensão política da vida na sociedade contemporânea. Uma sociedade onde as pessoas preocupam-se demasiadamente consigo mesmas, reduzindo-se cada vez mais à condição de indivíduos isolados, é uma sociedade onde poucos desejam participar, e um número menor ainda efetivamente participa ativamente do autogoverno da sociedade. Esse tipo de sociedade cria condições para o surgimento de um despotismo suave, um enfraquecimento da participação política do cidadão. Ora, muitos dos acontecimentos no campo político contemporâneo poderiam questionar esta reflexão datada [1991] de Taylor. Alguns movimentos de protesto que tomaram as ruas das grandes metrópoles ultimamente [2011], como por exemplo, *Occupy* – movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social -, mostram que existe uma mobilização que, criticando as estruturas tradicionais da política (partidos e sindicatos), desloca a discussão política para o campo cultural. Também, fazendo as devidas mudanças, a *primavera árabe* [2010-2012] está sendo uma manifestação contra governos ditatoriais em favor de melhores condições de vida e de estruturas democráticas no governo de países do mundo árabe. A estratégia nesses casos parece ser a de buscar construir novos campos de organização política, novos caminhos para a solução da crise econômica e novas abordagens dos problemas sócio-culturais, como por exemplo, a proposta de educação pública de qualidade para todos em Santiago do Chile. Seriam esses movimentos atuais uma reação ao enfraquecimento diagnosticado por Taylor?

Pretende-se ainda argumentar brevemente sobre a questão da secularização no pensamento de Taylor como outro possível elemento do imaginário multicultural e secular. Ao estudar a questão da secularização das sociedades contemporâneas ocidentais, Taylor faz a seguinte pergunta: “por que era virtualmente impossível na sociedade ocidental não crer em Deus, por exemplo, em 1500, enquanto em 2000, para muitos de nós, esta escolha aparece não apenas fácil, mas inevitável?” (TAYLOR, 2010, p.41). Para responder a questão ele aponta três motivos, ou três muralhas, que sustentavam a crença em Deus em 1500. Primeiramente, o mundo natural era entendido como um *cosmos* ordenado que funcionava sob as ordens de Deus. A intervenção divina era reconhecida nos grandes eventos naturais como tempestades, epidemias, mas também em grandes momentos de fertilidade e prosperidade. Em segundo lugar, Deus era necessário para a existência da própria sociedade. Não apenas no sentido óbvio de Criador. A própria vida das várias associações que formavam a sociedade estava intrinsecamente associada aos ritos e aos atos de devoção com os quais as pessoas e a sociedade expressavam suas crenças. Finalmente, vivia-se num mundo encantado, povoado por espíritos e demônios. No mundo encantado dos nossos antepassados estavam presentes espíritos bons que atuavam ajudando as pessoas e espíritos maus que as prejudicavam. No imaginário social, os espíritos tinham o poder, por exemplo, de curar enfermidades, evitar desastres e ajudar na boa colheita. Essa mentalidade mágica era difusa também em objetos especiais que gozavam de uma força milagrosa, como as relíquias e as velas abençoadas. Numa sociedade assim era absurdo duvidar da existência de Deus.

Evidentemente, essa estrutura rígida gerava na sociedade tensões entre um estilo de vida voltado para os valores transcendentais e um estilo de vida dirigido a realizações humanas quotidianas. Para Taylor, no cristianismo essa tensão era equilibrada na constituição de duas classes de pessoas que se completavam: os clérigos e os leigos. Cada classe possuía uma função específica na sociedade. Cuidar das coisas sagradas ou cuidar das coisas profanas. Essa estruturação hierarquizada,

com a sua lógica, seus códigos e suas instituições rígidas, tinha momentos de descanso. Taylor chama-lhe *anti-estrutura*, como por exemplo, o carnaval, como momento de festa e de subversão das normas vigentes. Também a concepção do tempo, fortemente marcada pelas celebrações religiosas e as festas litúrgicas, gerava uma certa ordem e estrutura no tempo vivido. A Semana Santa, com a comemoração da paixão e morte de Jesus; a vida dos santos, tudo isso fazia do tempo uma realização da ordem sagrada que organizava a vida das pessoas. Tudo muito diferente do tempo uniforme e secular da modernidade, fruto da revolução científica.

O progressivo desaparecimento dessas razões, acima destacadas, deve ser compreendido juntamente com outra razão importante, a saber, uma crescente confiança do ser humano em si próprio. Enquanto anteriormente o indivíduo tinha uma *personalidade porosa* às influências, uma personalidade permeável e em continuidade com o cosmos e a transcendência, na modernidade o indivíduo torna-se cada vez mais confiante na capacidade de definir sua própria identidade, mesmo que em descontinuidade com o resto da realidade. Tem-se, assim, uma nova concepção de indivíduo, confiante na própria capacidade de criar uma ordem moral imanente, sem referências a uma ordem externa.

Este cenário anterior constitui uma preparação para a Reforma, que para Taylor é a mais importante causa de toda a transformação da sociedade. A história da Reforma possui os seus antecedentes em pequenas reformas no interior da Igreja, onde muitos cristãos procuravam uma espiritualidade mais pessoal e interior, menos reduzida simplesmente a práticas devocionais que na maioria das vezes eram frutos de uma mentalidade mágica e que tinha como intenção controlar a acção de Deus. Além disso, as pequenas reformas lutavam contra uma pastoral do medo, assente no pecado e na condenação eterna, produzindo, na maioria dos casos, ansiedade e angústia, mais do que conversão e vida nova.

Todo esse complexo conjunto de situações e acontecimentos irá produzir um determinado imaginário. Um imaginário já não fundado em estruturas religiosas, mas no consenso entre as pessoas. Evidentemente, esse imaginário produz não apenas uma nova ordem moral para a vida social, mas uma nova consciência do divino e da vida humana cotidiana. O ser humano passa a definir-se, já não a partir de uma dependência de uma ordem superior, mas pela sua autonomia e capacidade de autocontrole. Assim, vão surgindo novas práticas sociais, como, por exemplo, a objetivação da economia, com a sua racionalidade instrumental; a promoção da esfera pública e a autorregulação democrática. Surge, então, um novo imaginário social secular, que já não tem o seu fundamento em Deus ou em alguma antiga tradição, mas, sim, na razão.

Não é difícil imaginar um quadro imanente como lugar de realização concreta deste novo imaginário social. A perda do sentido da ideia de Deus como necessária para a ordem humana social e a redução do projeto humano à realização pessoal do indivíduo configuram parte desta viragem antropológica. A noção tradicional de providência divina, o ideal cristão de ascética, os ideais de honra e heroísmo, o fervor religioso, sofrem uma profunda diminuição de valor para as pessoas que passam a exaltar a razão e a disciplina, a tolerância e a benevolência. Cada vez mais ganha força a ideia de que a natureza humana pode florescer melhor quando liberta das crenças e das práticas tradicionais que na maioria das vezes ofuscam e bloqueiam as fontes mais genuínas de expressão humana. É o ideal de autorrealização que ganha forças e que funda uma ordem moral autônoma, não necessitando de reforços transcendentais. Tudo isso ajudado pelo potencial cognitivo promovido pelas ciências modernas que nessa transição ganham cada vez mais força.

A ordem impessoal onde Deus é visto como o arquiteto do universo, atuante apenas nas leis imutáveis da natureza, ajuda a criar o clima de desencantamento. Evidentemente Deus ainda permanece como o criador, ou seja, o maior benfeitor ao qual os seres humanos devem toda a gratidão. Porém, a vida cotidiana é cada

vez mais marcada pelo papel crescente da economia e da racionalidade instrumental. Deus vai se tornando uma realidade secundária. A ordem social é fruto do trabalho humano que, juntamente com a realização moral, é resultado do esforço humano que se empenha responsavelmente numa realidade concreta e imanente.

Todo esse movimento não poderia deixar de produzir um novo horizonte de sentido onde o ideal romântico de beleza, uma atitude de proximidade com a natureza e a surpresa diante das novas e surpreendentes descrições da ciência são importantes. Esse novo horizonte, para Taylor, fica no meio da estrada entre o ateísmo e o teísmo. É um espaço intermediário de uma espiritualidade indefinida e de uma nova atitude diante da moral que passa cada vez mais a aceitar os limites da condição humana descritos pela ciência. Ora, confrontado com o ideal moderno de educação, autodisciplina, respeito das leis, civilidade; acontece aquilo que Taylor várias vezes descreveu como *mal-estar* da modernidade. Mal-estar ocasionado por um mundo plano e vazio, onde cada pessoa deve encontrar o seu próprio caminho. Um mundo desencantado, onde um tipo de humanismo imanente desperta a questão do sentido da vida, mas não permite soluções que não sejam também elas apenas imanentes.

Nesse complexo processo de transformação, para Taylor, a melhor forma de compreender a secularização não é a de investigar a passagem de uma cultura crente para uma cultura secular. A melhor forma é fazer atenção aos novos horizontes de compreensão do sagrado que vão surgindo. Isso porque a tese de Taylor é a de que a secularização não significa simplesmente declínio da religião. Na verdade, é mesmo possível questionar o passado como sendo uma era de ouro para a religião. A secularização comporta uma mudança na forma das pessoas se confrontarem com a religião e com o sagrado. É verdade que em muitos países é possível constatar um crescente declínio nas práticas e crenças religiosas e mesmo

um desaparecimento de Deus do espaço público. Mas, segundo Taylor, toda essa transformação da sociedade descrita anteriormente comporta não um questionamento absoluto da religião, mas das suas formas arcaicas de realização.

Nesse percurso interpretado por Taylor, o sagrado assume três distintas caracterizações que, por sua vez, correspondem a três distintas épocas. Primeiramente, o elo do indivíduo com o sagrado acontecia através da Igreja. Num segundo momento, vai surgindo uma maior liberdade de escolha da denominação religiosa a seguir. Finalmente, o indivíduo não se vincula mais a uma igreja ou a uma doutrina, mas a um caminho, a uma proposta de busca espiritual. A intuição pessoal torna-se a guia mais segura e a fonte espiritual mais confiável. Para Taylor, isto é visível na juventude contemporânea. A juventude valoriza a espontaneidade e a busca pessoal. Busca uma experiência direta e pessoal com o sagrado. É uma luta contra uma vida pequena e enclausurada numa ordem simplesmente imanente. Mas, ao mesmo tempo, uma luta contra formas moralistas, jurídicas e institucionalizadas, que não valorizam o indivíduo e a experiência.

A intuição de Taylor é que a cultura da secularização não gera necessariamente uma crise total, nem uma negação absoluta da religião. Isto acontece porque, para muitos, a sede da transcendência continua a ser presente como uma forma de religião mínima. Daí a tese de Taylor de que a religião deve caracterizar-se pela fé numa realidade transcendente e na aspiração a uma transformação que ultrapasse a mera realização humana ordinária. Ao mesmo tempo, é possível constatar o aparecimento de novas modalidades de vivência religiosa. Novas formas de oração e meditação. O crescimento de movimentos caritativos. Grupos de estudo e aprofundamento da fé. Peregrinações. Modalidades diversas de grupos de partilha e vida espiritual. É a sobrevivência na religiosidade, da transcendência, numa sociedade secularizada. Então, uma possível tendência seria a de postular que o futuro do cristianismo, por exemplo, estaria menos na força das instituições e mais nas intuições daqueles que vivem a fé cristã e são, com

as suas próprias vidas, portadores da mensagem evangélica a outros. Isto porque, para Taylor, vivemos numa época de profundas transformações e de busca espiritual.

### **Refletindo para tirar proveito - conclusão**

Diante dessa narrativa até aqui conduzida, através do pensamento de Taylor, fica clara a hipótese de que o imaginário social da sociedade contemporânea é marcado pelo individualismo moderno, pela razão instrumental, por mudanças políticas (de enfraquecimento ou reconstituição) e pela secularização. Esse horizonte tende a suprimir todo tipo de soluções seguras e definitivas. Cada pessoa, conforme sua atitude crítica, acolhe mais ou menos tal horizonte na própria vida. Ao acolher esse horizonte, cada pessoa enfrenta desafios gerados por cada um dos aspectos aqui narrados.

Ao terminar este breve comentário sobre um aspecto da obra de Taylor, poder-se-ia usar suas próprias palavras e afirmar: “é claro que meu mapa é excessivamente esquemático”. (TAYLOR, 1997, p.496). Ora, o que se pretendeu apresentar aqui foi um pequeno mapa da discussão em torno do imaginário social multicultural de nossas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, para encerrar, duas breves considerações.

Em primeiro lugar, a presença de filosofia no percurso de compreensão das interpretações fornecidas por Taylor deve ser, também, a de identificar as características do modo como cada cultura particular interpreta sua própria autocompreensão. Boa parte de nossa compreensão é inarticulada. A atitude crítica consciente nos permite aprender com nossos próprios erros e alcançar uma melhor compreensão acerca daquilo que nós somos como agentes cognoscentes engajados. Em nosso caso particular, engajados nas vicissitudes na vida na América Latina.

Uma segunda consideração. As características do imaginário discutido anteriormente estão fortemente presentes nas sociedades da América Latina. Cada vez mais, especialmente com o desenvolvimento econômico do região, nossos países vão adquirindo uma configuração mais globalizada. Nossos costumes, hábitos e formas de vidas – com a tecnologia, o mundo virtual, as crises econômicas, as reivindicações políticas – vão assumindo feições multiculturais. A própria religião, tão presente e tão enraizada na formação de nosso continente, começa a dar sinais de uma nova configuração, mais secularizada e mais individualista. Todo o desafio, conforme a interpretação que aqui se faz, será o de entender essas novas configurações e, por meio da argumentação, propor valores e ideias que, frutos de nossas tradições, possam ainda ser fonte de crescimento e de vida nesse nosso mundo cada vez mais multicultural e secular.

## REFERÊNCIAS

- FERRY, L. **A revolução do amor**. São Paulo: Objetiva, 2012.
- NUSSBAUM, M. **Sex and social justice**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- RIBEIRO, E. V. **Reconhecimento ético e virtudes**. São Paulo: Loyola, 2012.
- TAYLOR, C. **Hegel**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.
- TAYLOR, C. **The ethics of authenticity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- TAYLOR, C. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.
- TAYLOR, C. **Modern social imaginaries**. London: Duke University Press, 2004.
- TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.